

Ruptura estrutural e a localização do emprego no Corede Vale do Rio Pardo – 1986/2002¹

*Moacir Piffer²
Jandir Ferrera de Lima³
Lucir Reinaldo Alves⁴*

RESUMO

Esse artigo analisa a estrutura produtiva setorial da região do Corede Vale do Rio Pardo (CVRP), no Estado do Rio Grande do Sul no período de 1986 a 2002. Os resultados da pesquisa apontaram uma ruptura estrutural na composição da divisão social do trabalho na região analisada em 1990. Essa ruptura foi confirmada pelas medidas de localização e especialização que indicaram uma reestruturação no CVRP entre 1990 a 1996. Antes da implantação do CVRP (1986 e 1990) não houve crescimento significativo dos ramos de atividade no seu conjunto. A partir da implantação do CVRP (1991 a 2002) percebeu-se que houve uma melhora na maioria dos ramos de atividade. A primeira ruptura estrutural fortaleceu esses setores.

Palavras-chave: Análise regional. Desenvolvimento regional. Localização. Economia Regional.

1 Introdução

O desenvolvimento regional, depois de um certo tempo, voltou a ser tratado como um processo de ação no desenvolvimento do território. Nesta nova concepção, o desenvolvimento regional é visto como endógeno, cultural, humano, cívico, onde a organização da sociedade regional e territorial é o principal elemento de modificação da estrutura produtiva.

Isto se deve ao resultado de dois processos contraditórios e, simultaneamente, complementares: um, a transnacionalização dos espaços econômicos (globalização), uma hegemonia exercida de fora para dentro e de acordo com os interesses econômicos corporativos; outro, a regionalização dos espaços sociais (região), que pode ser considerada como sendo uma reação sócio-econômica-ambiental do desenvolvimento, uma contra-hegemonia, exercida de dentro para fora através dos interesses dos atores do desenvolvimento regional (BENKO, 1999).

No caso brasileiro as políticas públicas nacionais, voltadas para aspectos globais macro e microeconômicos, sempre foram elaboradas, apresentadas e implementadas conforme os interesses hegemônicos dos atores transnacionais e uma pequena elite de atores regionais. Essas políticas agravaram as desigualdades de cada espaço ou território diferenciado. As causas e os efeitos dessas políticas de globalização permitiram a sua fragmentação na diversidade das diferentes regiões do Brasil causando grandes desajustes nos fatores endógenos regionais (BENKO, 1999). No contexto brasileiro, a partir de meados da década de 1970, ocorreram profundas transformações no crescimento econômico e nas políticas de desenvolvimento, as quais aceleraram e modificaram as formas de organização das empresas, da acumulação, da ordenação e integração dos territórios, dos processos de descentralização das políticas públicas. Isso permitiu às regiões e às cidades assumirem, em maior ou menor grau, as responsabilidades e atribuições nas áreas socioeconômica e ambiental. Com a implacável globalização dos espaços econômicos e as conseqüências geradas nos territórios nacionais e regionais, surgiram novos ambientes regionais que, através dos agentes regionais articularam-se, organizaram-se por todos os setores da economia e da sociedade contemporânea. Esses novos ambientes estão se multiplicando e estruturando-se em formas de cooperação de redes, que alguns autores denominam de capital social, como por exemplo, Putnam (2000) e Boisier (1999).

Por isso, Santos (1996) afirma que a dinâmica regional está subordinada às decisões dos atores internacionais, entregue apenas às próprias decisões do mercado. Nesse caso, o regional está voltado para o seu território em busca de sua inserção no espaço global. Por isso, urge a necessidade de correções compensatórias a serem definidas por políticas regionais específicas que se amoldem às características de identidades espaciais de seu território e mercado, com o global. Buscar novos caminhos é traçar um modo de viver na região, é buscar uma política regional, em que se deve a priori, preservar as condições históricas, institucionais, econômicas e culturais da região. Ferrera de Lima (2005) vai mais além, para ele a dinâmica regional também depende da integração, ou seja, da forma como a economia de uma região associa-se geograficamente e de forma produtiva com outros espaços. Nessa integração, os elementos que constituem a base de exportação e a forma como ela se reestrutura ao longo demonstram as tendências da economia regional.

Dessa forma, o Rio Grande do Sul vem, de certa forma, muito mais organizado nas questões regionais através da experiência dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul (COREDES-RS), o que constitui um paradoxo diante dos outros estados e regiões brasileiras.

A questão aqui é analisar o "poder" regional que está emergindo, tendo como destaque os diversos ramos de atividades antes e depois da instituição dos COREDES. Por isso, este artigo analisa a estrutura produtiva setorial da região do Corede Vale do Rio Pardo, sob ótica econômica através do instrumental de análise regional.

Para conhecer a atuação do COREDE do Vale do Rio Pardo, se faz necessário que se conheça os fatores que formam e estruturam a realidade regional através dos setores ou ramos de atividades. Segundo Siedenberg (2004) após a promulgação da Constituição Estadual do Rio Grande do Sul em 1989 seguiu-se um período de debates entre o governo

e a sociedade civil sobre os rumos e formas do desenvolvimento regional. Em outubro de 1994, foram criados 22 Conselhos Regionais de Desenvolvimento, abrangendo todo o Estado nesta nova regionalização político-administrativa.

Eles foram instituídos com os seguintes objetivos: a promoção do desenvolvimento regional harmônico e sustentável; a integração dos recursos e das ações do governo na região; a melhoria da qualidade de vida da população; a distribuição equitativa da riqueza produzida; e a preservação e recuperação do meio ambiente.

Por isso, os COREDES são um espaço plural e aberto, há construção de parcerias, em nível regional, através da articulação política dos interesses locais e setoriais em torno de estratégias próprias e específicas de desenvolvimento para as regiões do Rio Grande do Sul. A sua visão é articular os atores sociais, políticos e econômicos das regiões, inclusive colaborando para organizar os segmentos desorganizados, transformando-os em sujeitos coletivos capazes de formular suas próprias estratégias de desenvolvimento e, assim, serem construtores de seu próprio modelo de desenvolvimento regional (COREDES, 2002). Neste sentido, a promoção do desenvolvimento regional segundo COREDES (2002) é o objetivo central, compatibilizando competitividade, equidade e sustentabilidade.

Vários estudos foram feitos sobre avaliação das experiências dos COREDES-RS, dentre eles de Bandeira (1998), Mauce (2000), Becker (2003) e Siedenberg (2004). Esses estudos têm apontado pontos positivos e negativos, mas também as mudanças nas linhas de ação política com a articulação das comunidades regionais. Por outro lado, as questões econômicas ligadas aos ramos de atividades dentro de cada COREDE não foram ainda analisadas. Por isso, colocam-se os seguintes questionamentos: Houve ou não influência dos COREDES na melhora dos ramos de atividades? Como foi a participação dos COREDES na expansão do crescimento econômico regional? Como era a dinâmica dos ramos de atividades antes e depois da criação dos COREDES? Para responder esses questionamentos será estudado o COREDE do Vale do Rio do Pardo.

A escolha desse COREDE é justificada com os estudos de Klarman (1999). Segundo esse autor, quando se observa o processo de formação da Região do Vale do Rio Pardo (Fig. 1) e suas características socioculturais, políticas e econômicas, pode-se destacar a existência, hoje, de três sub-regiões dentro da região: o norte, caracteristicamente uma área de predomínio da pequena propriedade, com uma população constituída por descendentes de alemães, italianos e luso-brasileiros, e com sérios problemas no tocante a alternativas econômicas que agreguem valor à produção do minifúndio; o centro, constituído pela sub-região do pólo industrial-comercial de Santa Cruz do Sul e cidades vizinhas como Venâncio Aires e Vera Cruz; e o sul, representado pela área abrangida pelas médias e grandes propriedades, com um predomínio das atividades agropastoris, principalmente dedicadas à pecuária e a orizicultura, e com baixa densidade demográfica nas áreas rurais, típica de regiões de latifúndios.

O COREDE Vale do Rio do Pardo (Fig. 1) foi instalado em 19 de dezembro de 1991, na cidade de Rio Pardo, constituindo-se no décimo quinto COREDE a ser instalado no Estado. Os municípios integrantes na época da constituição eram: Arroio do Tigre, Barros Cassal, Boqueirão do Leão, Candelária, Encruzilhada do Sul, General Câmara, Ibarama, Lagoão, Pântano Grande, Rio Pardo, Santa Cruz do Sul, Segredo, Sobradinho, Tunas,

Venâncio Aires e Vera Cruz. (Klarmann 1999:141). Atualmente, os municípios de Estrela Velha, Gramado Xavier, Herveiras, Lagoa Bonita do Sul, Passa Sete, Passo do Sobrado, Sinimbu, Vale Verde, e Vale do Sol foram incorporados à região do Vale do Rio Pardo, totalizando 25 municípios, uma área de 14.131,66 km² e uma população total de 431.922 no ano de 2004 (IPD, 2005).

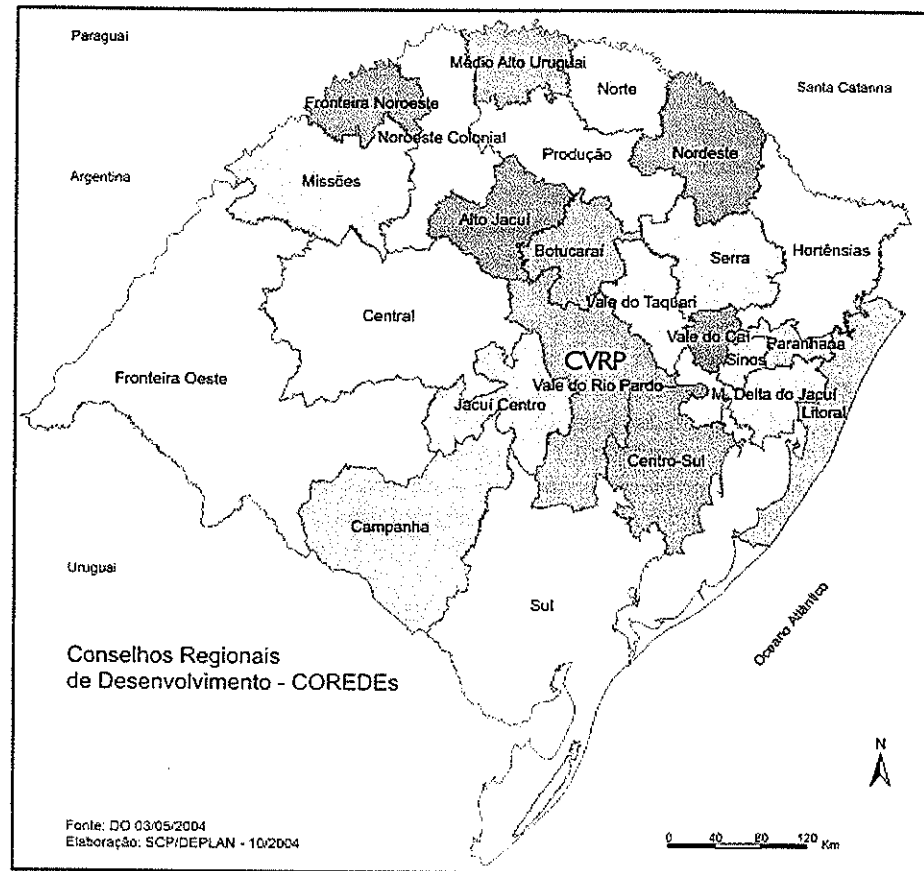


Figura 1 - Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDES) do Rio Grande do Sul

Fonte: IPD, 2005.

2 O MÉTODO DE ANÁLISE

Ao estudar uma determinada região deve-se analisar os elementos propulsores de seu crescimento, a sua inserção à dinâmica e organização da economia nacional, examinando-a como parte de um todo. Para a compreensão e interpretação do crescimento regional,

baseado na estrutura de exportações, utilizou-se a contribuição teórica de North (1977), que analisa o crescimento das regiões que tiveram seu desenvolvimento a partir de uma base de exportação.

Piffer (1999), especifica que as exportações regionais são os principais fatores determinantes do crescimento de uma região e de sua interação com as demais regiões. Sendo assim, para compreender uma região é preciso entender as suas relações com os demais espaços que compõem o território nacional. Nesse sentido, o foco de interesse está voltado para os fluxos inter-regionais de produtos e serviços, capital, mão-de-obra e população. No entanto, o ponto de partida para a existência dos fluxos comerciais está na especialização regional e na ocupação da mão-de-obra. Assim, a teoria da base de exportação, parte do pressuposto de que é possível separar as atividades econômicas de uma região em básicas e não básicas. As básicas teriam como destino mercados externos à região e as não básicas destinam-se aos mercados locais. A expansão das atividades básicas induziria ao crescimento das não básicas.

Nesse sentido, a análise da localização das atividades produtivas deve ser capaz de identificar as atividades básicas e não-básicas e traçar generalizações sobre o perfil da economia regional.

Assim, para a análise regional, considerou-se o número de empregados distribuídos por ramos de atividade no Corede Vale do Rio Pardo/RS. Os ramos de atividade utilizados são: Comércio Atacadista; Comércio Varejista; Indústria Extrativa Mineral; Indústria de Produtos Minerais Não Metálicos; Indústria Metalúrgica; Indústria Mecânica; Indústria de Material Elétrico e de Comunicação; Indústria de Material de Transporte; Indústria da Madeira e do Mobiliário; Indústria do Papel, Papelão, Editorial e Gráfica; Indústria da Borracha, Fumo, Couros, Peles, Similares Diversos; Indústria Química, Farmacêutica, Veterinária, Perfumaria, Sabão; Indústria Têxtil do Vestuário e Artefatos de Tecidos; Indústria de Calçados; Indústria de Produtos Alimentares, Bebidas, Alcool Etilico; Serviços Industriais e Utilidade Pública; Indústria da Construção Civil; Instituições de crédito, seguros e capitalização; Comércio de administração de imóveis, etc.; Transporte e Comunicação; Alojamento, alimentação, reparação, manutenção, rádio, TV; Serviços médico, odontológico e veterinário; Ensino; Administração pública direta e autárquica; e, Agricultura, silvicultura, criação animal, vegetal e pesca.

Os dados relacionados ao número de empregados distribuídos por ramos de atividade foram coletados no Núcleo de Banco de Dados do Instituto de Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional do Rio Grande do Sul, tendo como base a Relação Anual das Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho. O período de análise foi 1990, 1996 e 2002.

A escolha pela variável número de empregados se deu por pressupor que os ramos de atividade mais dinâmicos empregam mais mão-de-obra no decorrer do tempo. Por outro lado, a ocupação da mão-de-obra se reflete na geração e distribuição da renda regional, o que estimula o consumo e conseqüentemente a dinâmica da região.

Utilizam-se as seguintes medidas para identificar os padrões de concentração ou dispersão: a base de exportação; o multiplicador de emprego; o quociente locacional; o coeficiente de localização; o coeficiente de especialização; o coeficiente de redistribuição

e o coeficiente de reestruturação. Essas medidas proporcionaram um quadro de análise do Corede Vale do Rio Pardo. As medidas utilizadas são descritas a seguir:

a) *Base de exportação*: é utilizada para identificar os elementos fundamentais que formam a base de exportação, a partir disso far-se-á o cálculo do multiplicador do emprego básico, seguindo a metodologia descrita em Piffer (1997 e 1999).

Quando o emprego está ligado às atividades básicas de exportação, ou seja, pela relação: $\frac{S_i}{S} > \frac{N_i}{N}$ o valor obtido será maior que um, supõe-se que a região exporta o excedente para o resto do Estado ou do país. Nesse sentido, Piffer (1997, 1999), apresenta a seguinte equação para calcular o emprego básico de uma região, particularmente através dela é possível determinar as atividades e o emprego básico e não-básico do Corede Vale do Rio Pardo:

$$B_i = S_i - S_t \left(\frac{N_i}{N_t} \right) \quad (1)$$

e que: B_i = emprego básico da atividade do Corede; S_i = emprego na atividade i do Corede; S_t = emprego total do Corede; N_i = total de emprego na atividade do Estado do Rio Grande do Sul; N_t = total de emprego no Estado do Rio Grande do Sul;

b) *Multiplicador de emprego*: Uma das grandes preocupações dos estudiosos em economia regional é medir a sensibilidade da demanda dos produtos locais, frente aos impactos que determinadas medidas exógenas provocam nessa economia. Dessa maneira recorre-se ao conceito de multiplicador e, em particular, ao de multiplicador de emprego.

$$K = 1 / (1 - (\Delta ENB / \Delta S_t)) \quad (2)$$

Sendo que: K = multiplicador de emprego do Corede; ΔS_t = Variação do Emprego Total; ΔENB = Variação do Emprego Não Básico.

O valor mínimo do multiplicador de emprego é um, o que ocorre quando $\Delta ENB / \Delta S_t = 0$, ou seja, quando a variação do emprego não básico por uma variação de emprego total for nula. Nesse caso, o acréscimo da procura local associado à expansão das exportações é integralmente satisfeito pelas importações. Conseqüentemente, quanto maior o acréscimo do emprego local gerado por uma unidade adicional do emprego total, induzida pelo crescimento do emprego básico, menor será o nível total de fugas para o exterior da região e logo maior será o valor do multiplicador. Ou seja, quanto maior a capacidade de criação do setor básico sobre o setor não Básico, isto é, quanto maior a propensão marginal à criação de empregos endógenos ($\Delta ENB / \Delta S_t$), maiores serão os efeitos multiplicadores.

Para o cálculo das demais medidas de especialização e localização foram organizadas as informações em uma matriz, que relaciona a distribuição setorial-espacial do número de empregados por ramos de atividade. As colunas mostram a distribuição do número de empregados do Corede, e as linhas mostram o número de empregados por ramos de atividade. Assim, definiram-se as seguintes equações:

E_{ij} = Número de empregados no setor i do Corede j ; (3)

$\sum_j E_{ij}$ = Número de empregados no setor i do Estado do Rio Grande do Sul; (4)

$\sum_i E_{ij}$ = Número de empregados em todos os setores do Corede j ; (5)

$\sum_j \sum_i E_{ij}$ = Número de empregados em todos os setores do Estado do Rio Grande do Sul. (6)

A partir das equações (3, 4, 5 e 6) organiza-se o Quadro 1, que apresenta as medidas de localização e de especialização. As medidas de localização (Quociente Locacional, Coeficiente de Localização e Coeficiente de Redistribuição) são de natureza setorial e se preocupam com a localização dos ramos de atividade do Corede Vale do Rio do Pardo, ou seja, procuram identificar padrões de concentração ou dispersão do número de empregados, num determinado período. As medidas de especialização concentram-se na análise da estrutura produtiva do Corede, objetivando analisar o grau de especialização da economia regional num determinado período. Dentre estas medidas, utilizar-se-ão o coeficiente de especialização e o coeficiente de reestruturação.

Quadro 1 – Descrição das medidas de localização, especialização e associação geográfica

Indicador	Equação	Interpretação dos Resultados
Quociente Locacional (QL)	$QL = \frac{E_{ij} / \sum_j E_{ij}}{\sum_i E_{ij} / \sum_i \sum_j E_{ij}}$	QL ≥ 1 / Localização Significativa 0,50 ≥ QL ≥ 0,99 / Localização média QL ≥ 0,49 / Localização fraca
Coeficiente de Localização (CL)	$CL = \frac{\sum_j \left \left(E_{ij} / \sum_j E_{ij} \right) - \left(\sum_i E_{ij} / \sum_i \sum_j E_{ij} \right) \right }{2}$	Próximo a 0 = Dispersão significativa Próximo a 1 = Concentração significativa
Coeficiente de Redistribuição (CR)	$CR = \frac{\sum_j \left(E_{ij} / \sum_j E_{ij} \right)}{2}$	Próximo a 0 = Distribuição não significativa Próximo a 1 = Distribuição significativa
Coeficiente de Especialização (CE)	$CE = \frac{\sum_i \left \left(E_{ij} / \sum_i E_{ij} \right) - \left(\sum_j E_{ij} / \sum_i \sum_j E_{ij} \right) \right }{2}$	Próximo a 0 = Diversificação significativa Próximo a 1 = Especialização significativa
Coeficiente de Reestruturação (Cr)	$Cr = \frac{\sum_i \left(E_{ij} / \sum_i E_{ij} \right)}{2}$	Próximo a 0 = Reestruturação não significativa Próximo a 1 = Reestruturação significativa

Fonte: Piacenti et. al. (2002), e Ferrera de Lima et. al. (2004).

O Quociente Locacional (QL) é utilizado para comparar a participação percentual do número de empregados do Corede com a participação percentual de todos os Coredes. O quociente locacional pode ser analisado a partir de ramos de atividade específicos ou no seu conjunto. É expresso pela equação. A importância do Corede no contexto estadual, em relação ao ramo de atividade estudado, é demonstrada quando assume valores acima

de I. Como o quociente é medido a partir de informações do número de empregados (E), pode-se verificar os ramos de atividade que possuem possibilidades para atividades de exportação.

O Coeficiente de Localização (CL) relaciona a distribuição percentual do número de empregados num dado ramo de atividade do Corede com a distribuição percentual do número de empregados de todos os Coredes. Se o coeficiente de localização for igual a zero (0), significa que o ramo de atividade *i* estará distribuído regionalmente da mesma forma que o conjunto de todos os ramos de atividade. Se o valor for igual a um (1), demonstrará que o ramo de atividade *i* apresenta um padrão de concentração regional mais intenso do que o conjunto de todos os ramos de atividade.

O coeficiente de especialização (Cesp) é uma medida regional. As medidas regionais concentram-se na estrutura produtiva de cada região, fornecendo informações sobre o nível de especialização da economia num período. Através do coeficiente de especialização, compara-se a economia de um Corede com a economia do Estado. Para resultados iguais a 0 (zero), o Corede tem composição idêntica à do conjunto dos Coredes do Rio Grande do Sul. Em contrapartida, coeficientes iguais ou próximos a 1 demonstram um elevado grau de especialização ligados a um determinado ramo de atividade, ou que está com uma estrutura de empregados totalmente diversa da estrutura de empregados estadual.

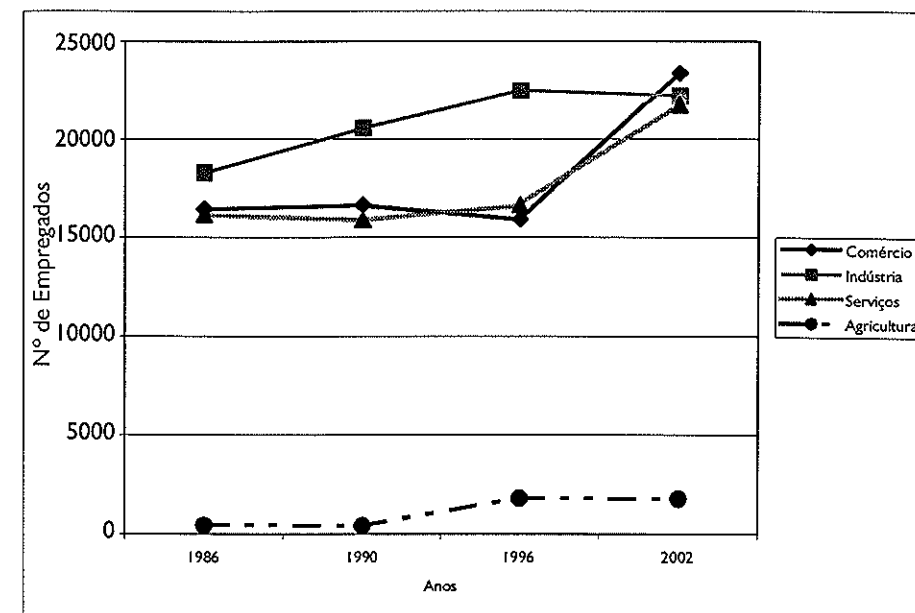
O Coeficiente de Redistribuição (CR) relaciona a distribuição percentual do número de empregados de um mesmo ramo de atividade em dois períodos de tempo objetivando examinar se está prevalecendo para o ramo de atividade algum padrão de concentração ou dispersão espacial ao longo do tempo. Seu valor varia de 0 a 1, sendo que quando o coeficiente se aproximar de zero (0) significa que não terão ocorrido mudanças significativas no padrão espacial de localização do ramo de atividade, e o contrário ocorrerá quando o coeficiente se aproximar de um (1).

O Coeficiente de Reestruturação (Cr) relaciona a estrutura do número de empregados do Corede entre dois períodos, ano base 0 e ano 1, objetivando verificar o grau de mudanças na especialização do mesmo. Coeficientes iguais a zero (0) indicam que não ocorreram modificações na estrutura setorial do Corede, e iguais a um (1) demonstram uma reestruturação bem substancial.

3 O multiplicador de emprego no COREDE Vale do Rio Pardo

Em 1986 o setor industrial era o que mais empregava na região do Corede Vale do Rio Pardo, ficando o setor comercial em segundo lugar e o setor de serviços em terceiro, enquanto que a agricultura ficava em último lugar. No entanto, a partir de 1980, verificou-se uma mudança significativa e tendência a uma nova re-divisão do trabalho na região em todos os setores. Nessa re-divisão, os setores do comércio e serviços expandem-se significativamente. Essa característica também é verificada na agropecuária, mas sempre ocupando o último lugar entre os setores que mais empregam.

Gráfico 1 - Evolução do número de empregados do COREDE do Vale do Rio Pardo - 1986/2002



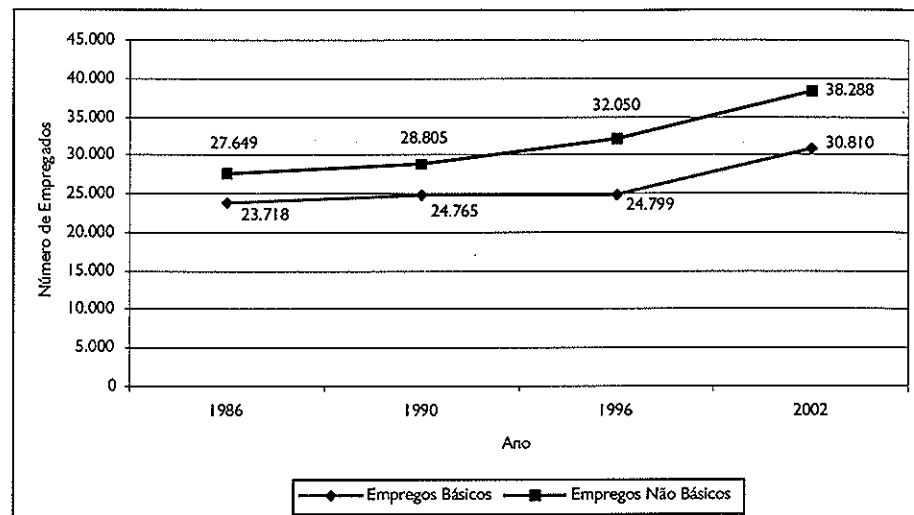
Fonte: IPD, 2005.

Pelo Gráfico 1 nota-se que no ano de 2002 houve destaque para o setor do comércio, que ocupou o primeiro lugar na economia do Corede Vale do Rio Pardo. Neste sentido, pode-se dizer que o Corede Vale do Rio Pardo tem sua força motriz em dois setores básicos da economia, quais sejam: secundário e terciário.

Os dados de mão-de-obra empregada revelam também uma outra particularidade: o ano de 1996 marca uma ruptura estrutural na região. No momento em que o emprego industrial estabiliza seu movimento de crescimento e o setor primário tem um movimento positivo, o setor terciário avança de forma significativa. O padrão setorial do emprego secundário e primário impacta diretamente no terciário. Dessa forma, entre 1996 e 2002, a região do Corede Vale do Rio Pardo vislumbra uma mudança estrutural na divisão social do trabalho e na distribuição do emprego na sua economia. O setor que ganha é o terciário, que se aproxima em importância do setor secundário. Também, de forma mais modesta, as atividades agropecuárias marcam uma recuperação na ocupação da mão-de-obra. Aparentemente, pelo Gráfico 1, a variação positiva do setor primário tem um efeito multiplicador direto sobre os serviços e o comércio.

Esse movimento da economia regional tem impacto diferenciado no tocante ao multiplicador de emprego regional. Assim, pelos Gráficos 2 e 3 observam-se o comportamento do número de empregos básicos e não básicos além do multiplicador de emprego do Corede Vale do Rio Pardo.

Gráfico 2 - Número de empregos básicos e não básicos do COREDE Vale do Rio Pardo - 1986/2002



Fonte: Resultados da Pesquisa e Anexo I.

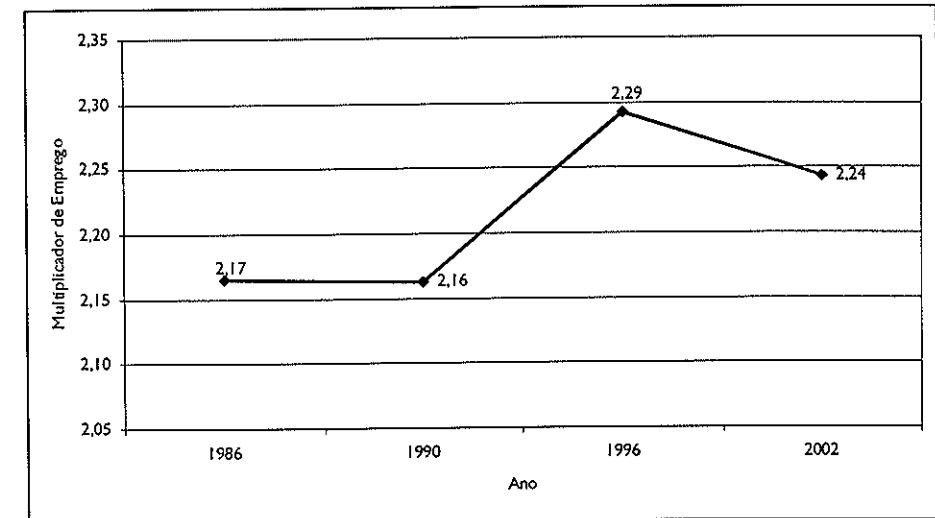
Nota-se que o número de empregos básicos e não básicos apresentou comportamentos similares. Durante o período de 1986 a 1990 não houve variações significativas. No entanto, no ano de 1996 o emprego não básico apresentou uma evolução significativa enquanto o comportamento do emprego básico não foi tão expressivo assim. Já no ano de 2002 ambas as categorias apresentaram evolução significativa. Esses dados confirmam a ruptura estrutural na região. Essa ruptura marca uma expansão considerável das ocupações voltadas para o mercado interno, fato comprovado pelo Gráfico 2.

O responsável pela evolução dos empregos não básicos do Corede Vale do Rio Pardo no ano de 1996 foi o impacto do multiplicador de emprego no mesmo ano. Conforme os resultados da análise regional no ano de 1990 o multiplicador de emprego era de 2,16, mas no ano de 1996 esse multiplicador foi para 2,29, ou seja, para cada emprego básico eram criados 2,29 empregos não básicos na região. Os ramos de atividade responsáveis pela evolução do emprego não básico no Corede do Vale do Rio Pardo foram: indústria de produtos minerais não metálicos; indústria mecânica; indústria de material elétrico e de comunicação; indústria da madeira e do mobiliado; indústria do papel, papelão, editorial e gráfica; indústria química, farmacêutica, veterinária, perfumaria, sabão; serviços industriais e utilidade pública; e, indústria da construção civil (Anexo I).

Neste sentido, verifica-se que o comportamento do emprego básico e não básico é associado ao multiplicador de emprego e este está exposto no Gráfico 3. Entre 1986 e 1990 o comportamento do multiplicador de emprego ficou praticamente estável. Os ramos de atividade que evoluíram nesse período no número de empregos básicos e influenciaram no comportamento do multiplicador de emprego foram os seguintes: indústria de produtos minerais não metálicos; indústria de material de transporte; indústria

da madeira e do mobiliado; indústria de calçados; serviços industriais e utilidade pública; instituições de crédito, seguros e capitalização; transporte e comunicação; serviços médico, odontológico e veterinário; ensino; e, agricultura, silvicultura, criação animal, vegetal e pesca (Anexo I). O impacto do multiplicador de emprego de 1996 manteve-se até 2002, quando o indicador sofreu uma inversão da sua tendência e caiu.

Gráfico 3 - Multiplicador de emprego do COREDE Vale do Rio Pardo - 1986/2002



Fonte: Resultados da Pesquisa e Anexo I.

O Gráfico 3 revela uma outra particularidade na região: no movimento da ruptura da divisão regional do trabalho (1996) o multiplicador de emprego apresenta seu maior nível histórico. Apesar da queda em 2000, ele mantém um nível superior ao início dos anos 1990. O interessante é que a variação percentual de 6% no multiplicador entre 1990 e 1996 acrescentou 3.245 empregos não-básicos na economia local. Por outro lado, a queda de -2,13% no multiplicador entre 1996 e 2002 não causou um impacto significativo na economia local, que acrescentou em torno de 6.238 empregos não-básicos. Entre 1996 e 2002, o multiplicador de emprego gerou em torno de 1,04 empregos no setor não-básico para cada emprego criado no setor básico da economia. Enquanto entre 1990 e 1996 foram criados 94 empregos no setor não-básico para cada emprego no setor básico.

Portanto, na virada do século XX a capacidade de criação de empregos no COREDE Vale do Rio Pardo diminuiu drasticamente. O que explica esse movimento? As pistas para essa resposta encontram-se no perfil locacional dos ramos de atividade que serão apresentados a seguir.

4 Comportamento locacional dos ramos de atividade do Corede Vale do Rio Pardo

A análise do comportamento locacional dos ramos de atividade deve levar em conta dois aspectos: a posição dos indicadores ao longo do tempo e sua relação com a ruptura setorial regional. No tocante à posição dos indicadores a Tabela I apresenta o quociente locacional dos ramos de atividades analisados. Nota-se o destaque do setor comercial e do ramo de atividade do comércio atacadista, que no ano de 1986 era de 5,79 e no ano de 2002 aumentou para 6,34. Isso demonstra a importância desse setor na absorção de mão-de-obra regional.

Tabela I - Quociente locacional (K) do COREDE Vale do Rio Pardo - 1986/2002

Ramos de Atividade	1986	1990	1996	2002
Comércio	2,02	1,96	1,85	1,94
Comércio Atacadista	5,79	5,35	4,92	6,34
Comércio Varejista	1,23	1,20	1,14	1,15
Indústria	0,98	1,20	1,20	1,00
Indústria Extrativa Mineral	1,82	1,68	1,33	1,60
Indústria de Produtos Minerais Não Metálicos	1,61	1,26	2,60	1,11
Indústria Metalúrgica	0,73	0,58	1,03	0,79
Indústria Mecânica	0,13	0,20	0,73	1,02
Indústria de Material Elétrico e de Comunicação	0,07	0,11	0,43	0,76
Indústria de Material de Transporte	0,42	0,28	0,19	0,11
Indústria da Madeira e do Mobiliado	0,86	1,05	0,70	0,74
Indústria do Papel, Papelão, Editorial e Gráfica	0,47	0,58	0,63	0,59
Indústria da Borracha, Fumo, Couros, Peles, Similares Diversos	3,90	5,10	5,45	3,83
Indústria Química, Farmacêutica, Veterin. Perfumaria, Sabão	0,37	0,30	0,85	0,66
Indústria Têxtil do Vestuário e Artefatos de Tecidos	1,96	2,03	1,78	1,29
Indústria de Calçados	0,65	0,84	0,60	0,61
Indústria de Produtos Alimentares, Bebidas, Álcool Etilico	0,85	0,75	1,13	0,95
Serviços Industriais e Utilidade Pública	0,55	0,58	0,58	0,65
Indústria da Construção Civil	0,47	0,51	0,96	0,89
Serviços	0,67	0,56	0,61	0,67
Instituições de crédito, seguros e capitalização	0,82	0,74	0,66	0,67
Comércio de administração de imóveis, valores imóveis, etc.	0,78	0,67	0,68	0,55
Transporte e Comunicação	0,72	0,55	0,60	0,61
Alojamento, alimentação, reparação, manutenção, rádio, TV	0,65	0,65	0,63	0,75
Serviços médico, odontológico e veterinário	0,97	1,00	0,70	0,70
Ensino	0,91	0,71	0,77	0,93
Administração pública direta e autárquica	0,58	0,53	0,55	0,64
Agricultura, silvicultura, criação animal, vegetal e pesca	0,82	0,48	0,75	0,76

Fonte: Resultados da Pesquisa

Em segundo lugar, na evolução positiva do QL, ficou o setor industrial. O principal ramo de atividade responsável pelo bom desempenho desse setor foi a indústria da borracha, fumo, couros e peles que apresentou comportamento significativo em todos os anos analisados. No caso do CVRP a indústria fumageira sempre teve um papel de destaque na economia local. Papel esse que se expandiu ao longo do tempo, principalmente com sua estrutura de integração com as pequenas propriedades rurais.

Ainda no setor industrial, destacam-se os ramos de atividade da indústria extrativa mineral, seguidos da indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos e da indústria de produtos minerais não metálicos. Porém, verificou-se uma melhora dos quocientes dos ramos de atividade do ensino e do alojamento, alimentação, reparação etc.

No setor de serviços e na agricultura não se notou nenhum valor significativo, ou seja, QL maior que um. No caso da agricultura, por definição, esse setor é básico, ou seja, de exportação. No entanto, essa classificação de básico ou não-básico está mais além que a simples exportação. Nos estudos clássicos de Isard (1972), que corroboraram na criação dos indicadores de análise regional, tinha-se que os valores de QL³ I indicavam comércio exterior, especificamente quando a variável utilizada era o emprego. Dada a forte absorção tecnológica nas atividades produtivas, depois dos anos 1970, torna-se questionável classificar os ramos produtivos de exportação ou não simplesmente pela variação do QL. No entanto, os valores dos QLs³ I indicam um dinamismo e um adensamento de mão-de-obra significativos. Por isso, os setores básicos têm a particularidade de agregar empregos de forma mais representativa que os setores não-básicos. Por isso, os estudos atuais apontam os setores básicos como os mais expressivos na criação de emprego e renda nas economias regionais.

Dessa forma, verifica-se pelo Quadro 2 o comportamento do coeficiente de localização do Corede Vale do Rio Pardo.

Quadro 2 - Classificação dos ramos de atividade do COREDE Vale do Rio Pardo segundo seus coeficientes de localização em relação ao Rio Grande do Sul - 1986-2002

Grupos	CL 2002	Ramos de Atividade	CL 1986
I Dispersão Espacial	0,0004	Indústria Mecânica	0,0128
	0,0009	Indústria de Produtos Alimentares, Bebidas, Álcool Etilico	0,0022
	0,0011	Ensino	0,0013
	0,0018	Indústria da Construção Civil	0,0078
	0,0019	Indústria de Produtos Minerais Não Metálicos	0,0090
	0,0026	Comércio Varejista	0,0034
	0,0035	Indústria Metalúrgica	0,0039
II Relativa Dispersão	0,0041	Agricultura, silvicultura, criação animal, vegetal e pesca	0,0026
	0,0041	Indústria de Material Elétrico e de Comunicação	0,0136
	0,0043	Alojamento, alimentação, reparação, manutenção, rádio, TV	0,0051
	0,0045	Indústria da Madeira e do Mobiliado	0,0020
	0,0049	Indústria Têxtil do Vestuário e Artefatos de Tecidos	0,0140
	0,0051	Serviços médico, odontológico e veterinário	0,0004
	0,0056	Instituições de crédito, seguros e capitalização	0,0026
	0,0058	Indústria Química, Farmacêutica, Veterin. Perfumaria, Sabão	0,0092
	0,0059	Serviços Industriais e Utilidade Pública	0,0066
	0,0061	Administração pública direta e autárquica	0,0061
	0,0066	Transporte e Comunicação	0,0041
	0,0066	Indústria de Calçados	0,0052

Grupos	CL 2002	Ramos de Atividade	CL 1986
III Forte Concentração Geográfica	0,0070	Indústria do Papel, Papelão, Editorial e Gráfica	0,0078
	0,0077	Comércio de administração de imóveis, valores imóveis, etc.	0,0032
	0,0103	Indústria Extrativa Mineral	0,0121
	0,0151	Indústria de Material de Transporte	0,0085
	0,0483	Indústria da Borracha, Fumo, Couros, Peles, Similares Diversos	0,0425
	0,0909	Comércio Atacadista	0,0703

Fonte: Resultados da Pesquisa

Segundo o Quadro 2, os ramos de atividade que mais se destacaram do grupo III dos mais concentrados no CVRP foram a indústria da borracha, fumo, couros etc., e do comércio atacadista. Esses dois setores apresentaram os valores mais expressivos e são os principais responsáveis pela absorção da maior parte da mão-de-obra dessa região. No caso da indústria fumageira, sabe-se que esta atividade marca a especialização regional e tem um papel importante na divisão social do trabalho dentro do CVRP. Os demais setores e ramos de atividade, de um modo geral, apresentaram uma dispersão maior no território gaúcho, confirmando ao confrontar-se a ocupação de mão-de-obra nesse setor e no Rio Grande do Sul como um todo.

Deve-se ressaltar a dispersão e a concentração de alguns setores de 1986 para 2002. O setor da indústria mecânica apresentou redução expressiva do seu índice fazendo com que o mesmo apresentasse a maior dispersão dos setores analisados. Os setores da indústria de material elétrico e a indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos apresentaram comportamentos semelhantes. No entanto, a redução dos índices desses setores foi classificada como uma relativa dispersão.

O contrário ocorreu com os setores do comércio de administração de imóveis e valores imobiliários; da indústria de papel, papelão, editorial e gráfica; e, da indústria de material de transporte. Esses três setores classificavam-se como dispersos no período de 1986, mas chegaram no ano de 2002 classificados no grupo de forte concentração geográfica. O setor do comércio de administração de imóveis e valores imobiliários foi o que apresentou a mudança mais expressiva, passando de uma dispersão significativa para o grupo de maior concentração.

Dessa forma verifica-se pelo coeficiente de redistribuição (Quadro 3) que o setor terciário foi o que mais se distribuiu no período de 1986 a 2002, ou seja, esse setor se difundiu no período analisado.

Vale salientar que os ramos de atividade da indústria da borracha, fumo, couros; do comércio atacadista; e da indústria de produtos minerais não metálicos foram os que apresentaram os maiores coeficientes de redistribuição. Esses dados confirmam os coeficientes de localização e mostram que esses três setores se difundiram na região. Assim, pode-se inferir que esses três setores são os mais dispersos na região do Corede Vale do Rio Pardo.

Quadro 3 - Classificação dos ramos de atividade do COREDE Vale do Rio Pardo segundo os coeficientes de redistribuição em relação ao Rio Grande do Sul - 1986/2002

Grupos	CR 1996/2002	Ramos de Atividade	CR 1986/1990
I Distribuição não significativa	0,0003	Indústria do Papel, Papelão, Editorial e Gráfica	0,0022
	0,0005	Indústria da Construção Civil	0,0012
	0,0005	Serviços médico, odontológico e veterinário	0,0015
	0,0006	Instituições de crédito, seguros e capitalização	0,0005
	0,0006	Transporte e Comunicação	0,0018
	0,0006	Agricultura, silvicultura, criação animal, vegetal e pesca	0,0044
	0,0007	Indústria de Calçados	0,0039
	0,0010	Comércio Varejista	0,0010
	0,0010	Indústria da Madeira e do Mobiliado	0,0039
	II Distribuição Média	0,0011	Indústria de Material de Transporte
0,0016		Serviços Industriais e Utilidade Pública	0,0011
0,0017		Comércio de administração de imóveis, valores imóveis, etc.	0,0009
0,0020		Administração pública direta e autárquica	0,0002
0,0024		Indústria de Produtos Alimentares, Bebidas, Alcool Etilico	0,0007
0,0024		Alojamento, alimentação, reparação, manutenção, rádio, TV	0,0008
0,0027		Indústria Química, Farmacêutica, Veterin. Perfumaria, Sabão	0,0007
0,0033		Ensino	0,0021
III Distribuição significativa	0,0034	Indústria Metalúrgica	0,0016
	0,0054	Indústria Extrativa Mineral	0,0002
	0,0054	Indústria Mecânica	0,0013
	0,0059	Indústria de Material Elétrico e de Comunicação	0,0008
	0,0074	Indústria Têxtil do Vestuário e Artefatos de Tecidos	0,0034
	0,0237	Indústria de Produtos Minerais Não Metálicos	0,0037
	0,0241	Indústria da Borracha, Fumo, Couros, Peles, Similares Diversos	0,0235
	0,0272	Comércio Atacadista	0,0004

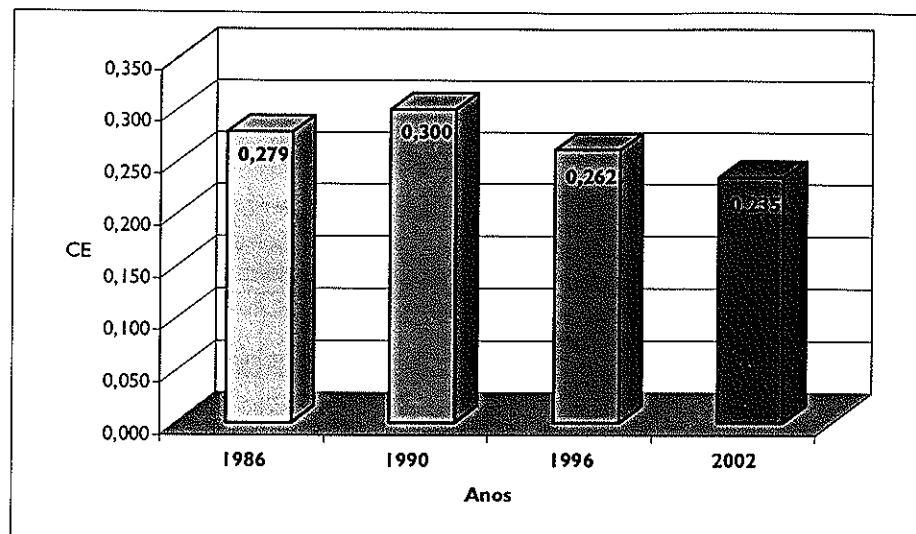
Fonte: Resultados da Pesquisa

Alguns ramos de atividade apresentaram comportamento interessante nos seus coeficientes de redistribuição. Os setores da agricultura e da indústria de calçados classificavam-se no grupo de maior distribuição no ano de 1986. No entanto, chegaram em 2002 no grupo de distribuição não-significativa.

O contrário ocorreu com os setores da indústria extrativa mineral e do comércio atacadista. Enquanto esses dois setores enquadravam-se no grupo de distribuição não-significativa, as transformações ocorridas na economia do CVRP fizeram com que esses setores passassem ao grupo de distribuição mais significativa dessa região. De forma menos expressiva, os setores da indústria mecânica e da indústria de material elétrico e comunicação também mudaram do grupo de distribuição média para o de distribuição significativa.

Dessa forma, nota-se que o setor terciário está ganhando representatividade com o passar do tempo. Isso pode ser visualizado pelo Gráfico 4.

Gráfico 4 – Coeficiente de especialização (CE) do COREDE Vale do Rio Pardo – 1986/2002



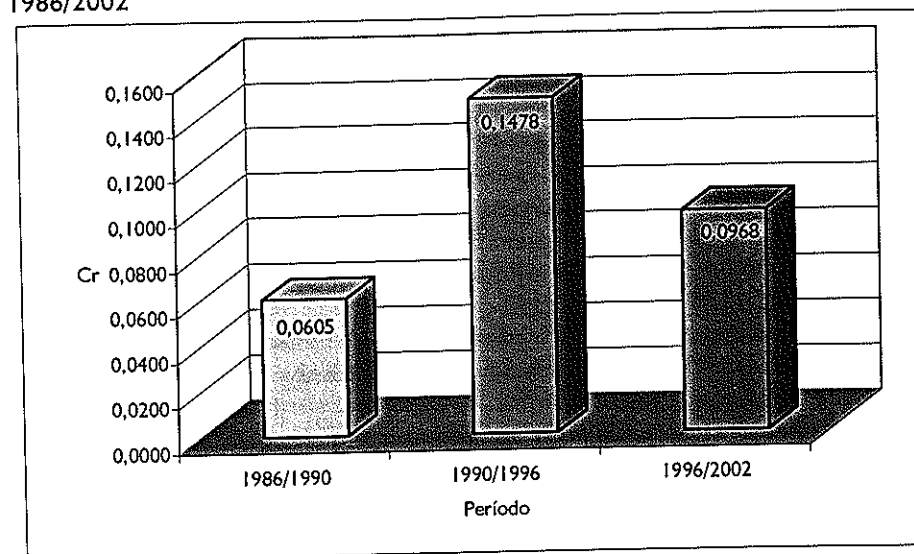
Fonte: Resultados da Pesquisa

O Gráfico 4 demonstra que a dinâmica da região do CVRP está apresentando uma maior diversificação nos ramos de atividades a partir de 1990. Associando o Gráfico 4 com os indicadores de localização nota-se que o setor de serviços (comércio atacadista e o ensino) está influenciando com maior intensidade essa diversificação. Nesse sentido, o CVRP caminha para uma nova ruptura estrutural bem mais favorável ao setor de serviços, em particular ao ensino. Por isso, a longo-prazo, o CVRP deverá vislumbrar um novo perfil de divisão social do trabalho em que a indústria e a agricultura perderão importância expressiva para as atividades terciárias. Em particular, isso demonstra o efeito multiplicador das universidades (UNISC) no emprego regional.

Dessa forma, esses fatores estão fazendo com que o Corede Vale do Rio Pardo apresente uma reestruturação em sua dinâmica economia, conforme demonstra o Gráfico 5.

Se comparados o primeiro período com o último nota-se que houve uma evolução do coeficiente de reestruturação. No entanto, no período de 1990 a 1996 essa reestruturação foi mais intensa. Isso pode ter ocorrido devido a evolução do multiplicador de emprego de 1990 em relação a 1996. O período de 1996 a 2002 apresentou uma redução do coeficiente de reestruturação, haja vista a diminuição do multiplicador de emprego desse mesmo período que também sofreu uma pequena redução.

Gráfico 5 - Coeficiente de reestruturação (CR) do COREDE Vale do Rio Pardo – 1986/2002



Fonte: Resultados da Pesquisa

Enfim, os resultados do multiplicador de emprego e das medidas de localização e especialização revelaram uma mudança estrutural ocorrida no CVRP. Entretanto, é precipitado afirmar que essa mudança foi reflexo apenas da implantação do Corede. A reestruturação está mais vinculada às imposições de forças exógenas à região, ou seja, de sua base de exportação, do que das políticas de desenvolvimento local do CVRP. O avanço no processo de urbanização acarreta a transferência do dinamismo do setor agropecuário para os setores urbanos (comércio, serviços e indústria).

Nessa análise, a agricultura não é o setor mais significativo do CVRP, e sim, os setores do comércio e da indústria, ou seja, as atividades voltadas para o setor urbano e/ou os atores hegemônicos localizados nessa região. A primeira ruptura estrutural ocorrida no início dos anos 1990 fortaleceu esses setores. No entanto, ao final dos anos 1990 iniciou-se uma reestruturação no perfil do emprego da região. Uma nova ruptura estrutural estimulada por essa reestruturação fortalecerá consideravelmente o setor terciário. Por isso, a base de exportação deixa de ser exclusivamente agrária para se vincular aos setores de transformação e prestação de serviços, tais como a indústria fumageira e a Universidade. A ruptura estrutural refletiu essa mudança até 1995. Atualmente, a redução da reestruturação demonstra que a região está “acomodando” sua especialização regional. Tanto que o perfil do emprego no CVRP demonstra características relevantes do processo de globalização e da nova divisão internacional do trabalho, a partir da imposição hegemônica do capitalismo industrial/tecnológico flexível, que teve início nos anos 1990.

Por fim, deve-se salientar que Ferrera de Lima (2004) apontou uma forte reestruturação produtiva nos Estados do Sul do Brasil nos últimos anos a partir da difusão

espacial do desenvolvimento econômico. Nesse estudo, o autor chama a atenção para a emergência da mesorregião centro-oriental do RS e seus arredores em 2000. Assim, mais que uma simples reestruturação setorial interna, a mudança no perfil locacional do Vale do Rio Pardo também foi significativa quando comparada com as mesorregiões do Sul do Brasil no seu conjunto.

CONCLUSÃO

O objetivo deste artigo foi analisar a base de exportação e os ramos de atividades mais dinâmicos do Corede Vale do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul.

Devido às condições diferenciadas de rendas entre as regiões, observa-se que os padrões de consumo de famílias com características culturais semelhantes, mas com diferentes padrões de localização, também são distintos. Além disso, as técnicas de produção (inclusive a produtividade de mão-de-obra) também são fatores que atingem as regiões de forma diferenciada e as composições das atividades também variam consideravelmente de região para região. Neste contexto, é possível a ocorrência de várias situações, por exemplo: uma região desenvolvida ter um quociente locacional > 1 para um determinado ramo de atividade, mas ter coeficiente de importação significativo para parcela considerável deste bem. Da mesma forma, uma região menos desenvolvida pode ter um quociente locacional < 1 para determinado produto, porém, apresentar um coeficiente de exportação expressivo, uma vez que o mercado interno pode ser reduzido em função de problemas de preferência, de poder aquisitivo, etc. Nesse sentido, a interpretação do multiplicador de emprego e das atividades básicas deve levar em consideração as particularidades regionais e, em especial, as oscilações locacionais que ocorrem ao longo do tempo. É o caso dos resultados apresentados para o Corede Vale do Rio Pardo (CVRP).

No período de 1986 a 2002, com relação ao multiplicador de emprego, o CVRP apresentou particularidades. Por exemplo: uma evolução do multiplicador de 2,16, no ano de 1986, para 2,24 no ano de 2002, ou seja, a cada emprego básico gerado no Corede foram induzidos 2,24 empregos não básicos. Isto quer dizer que o crescimento da região está estimulado pela base de exportação, que está se diversificando e se difundindo confirmado pelo avanço do quociente locacional de determinados ramos de atividades. A maior difusão e a diversificação produtivas no espaço regional do CVRP ocorreram nos seguintes ramos: indústria mecânica; indústria de material elétrico e de comunicação; indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos; indústria de produtos minerais não metálicos; indústria da borracha, fumo, couros, peles, similares diversos; e comércio atacadista.

No CVRP, em todo o período, os ramos de atividade básicos mais significativos foram: indústria da borracha, fumo, couros, etc. e o comércio atacadista. Em segundo plano aparecem o comércio varejista, a indústria extrativa mineral, a indústria de produtos minerais não metálicos e a indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos. No entanto, no geral, os demais ramos de atividade estão apresentando evolução do quociente

locacional e da mesma maneira um "amortecimento" do coeficiente de reestruturação. Isto indica que o CVRP está caminhando para uma maior diversificação e difusão da sua base produtiva. A ruptura estrutural que ocorreu entre 1986 e 1996 está se consolidando com a transferência do dinamismo de renda vinculada a uma base agrária, para uma base de economia mais urbana. Essa ruptura foi confirmada pelas medidas de localização e especialização que mostraram uma reestruturação lenta e gradual no CVRP ao longo dos anos, que ficou mais significativa nos anos 1990. O resultado foi que a economia da região do CVRP apresentou transformações capitaneadas pela indústria da madeira e do mobiliário, do ramo dos serviços médicos, odontológicos e veterinários, do ramo da indústria de produtos alimentares, do ramo da indústria metalúrgica e do ensino. O aprofundamento dessa reestruturação será o responsável por alterações na re-divisão do trabalho entre os ramos de atividade, substituindo em importância econômica os ramos básicos tradicionais. Qualquer mudança nessa tendência demonstrará uma nova ruptura estrutural na composição da divisão social do trabalho no CVRP.

No contexto da implantação do CVRP (1986 e 1990), verificou-se que não houve crescimento significativo em todos os ramos de atividades. A partir da sua implantação (1991 a 2002) houve uma melhora nos ramos de atividades, mas não é possível afirmar que o Corede foi o único responsável pela ruptura estrutural do Vale do Rio Pardo. É certo que há uma influência política de organização dos atores locais, que faz parte dos seus objetivos enquanto instituição de concertação local e regional. Por isso, faz-se necessária uma análise específica das políticas de desenvolvimento implantadas pelo CVRP e seus resultados para poder afirmar que a ruptura estrutural apontada nessa análise foi causada exclusivamente pelo Corede.

Portanto, nota-se que houve transformações na estrutura setorial da economia do Corede Vale do Rio Pardo no período de 1986 a 2002. Ainda prevalecem dois ramos de atividade com maior poder de empregabilidade (indústria do fumo e comércio atacadista). No entanto, outros ramos, em especial do setor terciário, estão caminhando para uma maior representatividade. Nessa espacialização dos ramos de atividade, os ramos atualmente menos significativos tornar-se-ão responsáveis por uma dinâmica particular centrada nas aptidões regionais, no desenvolvimento endógeno e em novos investimentos de grupos locais. No futuro, uma análise mais aprofundada da divisão social do trabalho poderá confirmar essa hipótese.

Structural rupture and the localization of employment in the Corede Vale do Rio Pardo - 1986/2002

ABSTRACT

This article analyzes the productive sectorial structure of Corede Vale do Rio Pardo (CVRP) region, in the state of Rio Grande do Sul, from 1986 to 2002. The research's results indicated a structural rupture in the composition of the social division of labor in the

analyzed region in 1990. The localization and specialization indicators confirmed this rupture. Before the implementation of CVRP (1986 to 1990) there was no significant growth in every sector. On the other hand, after the implementation (1991 to 2002) we noticed an improvement in the majority of the sectors of activity. The first structural rupture strengthens these sectors.

Keywords: Regional analyses. Regional development. Localization. Regional Economy.

Notas

- ¹ Versão modificada a partir do texto de discussão "Uma análise da influência econômica do COREDE no espaço do Vale do Rio Pardo: uma interpretação dos ramos de atividade a partir das medidas de localização e especialização - 1986/2002" apresentado pelo doutorando Moacir Piffer na disciplina Organização do Espaço e Territorialidades, ministrada pela professora Dra. Virginia Elisabeta Etges, do Doutorado em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. Os autores agradecem à professora Dra. Virginia Elisabeta Etges pelos seus comentários e sugestões pertinentes quando da apresentação da primeira versão desse texto. Como de praxe, os erros que ainda persistem são de inteira responsabilidade dos autores.
- ² Doutorando em desenvolvimento regional na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Professor Assistente do Curso de Economia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)/Campus de Toledo. Pesquisador do Grupo de Estudos em Desenvolvimento Regional e Agronegócio (GEPEC). E-mail: piffer@unioeste.br
- ³ Ph.D. em Desenvolvimento Regional pela Université du Québec à Chicoutimi (UQAC)-Canadá. Professor adjunto do Colegiado de Economia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)/Campus de Toledo. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Agronegócio e Desenvolvimento Regional (GEPEC). Pesquisador Associado do GRIR-UQAC. E-mail: jandir@unioeste.br
- ⁴ Economista pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)/Campus de Toledo. Mestrando em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. Bolsista do governo brasileiro - CAPES. Pesquisador do Grupo de Estudos em Desenvolvimento Regional e Agronegócio (GEPEC). E-mail: lucir_a@hotmail.com

Referências

- BANDEIRA, P. S. *Participação, articulação de atores sociais e desenvolvimento regional*. Texto para discussão (versão preliminar). SCP/RS: Porto Alegre, 1998. (Não publicado)
- BECKER, D. F. Os primeiros resultados de uma experiência de programa de pesquisa cooperativa e interdisciplinar. In.: BECKER, D. F. (*in memory*); WITTMANN, M. L. (Orgs.). *Desenvolvimento regional: abordagens interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul/RS: Edunisc, 2003.
- BENKO, G. *A ciência regional*. Oeiras (Portugal): Celta, 1999.
- BOISIER, S. El desarrollo territorial a partir de la construcción de capital sinérgico. *Redes*, Santa Cruz do Sul, v. 4, n. 1, p. 61-78, jan./abr. 1999.

COREDES - Conselho Regional de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul. Pró-RS II - Por uma organização social pró-desenvolvimento regional do Rio Grande do Sul. *O funcionamento e os fundamentos de uma experiência de organização social do desenvolvimento regional*. v. 1. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2002.

IPD - INSTITUTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E DESENVOLVIMENTO REGIONAL. Núcleo de banco de dados. Disponível em: <<http://seguro.unijui.tche.br/nbd/web/index.html>> Acesso em: 16 maio 2005.

ISARD, W. *Méthodes d'analyse régionale: Équilibre économique*. (Traduction de l'originale en anglais de 1967). v. 1, Paris : Dunod, 1972.

KLARMANN, H. *Região e identidade regional: um estudo da espacialidade e representatividade regional no Vale do Rio Pardo*. Mestrado em Desenvolvimento Regional (Dissertação), Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, Santa Cruz do Sul/RS, 1999.

FERRERA DE LIMA, J. A implementação de programas ou ações para a integração regional: reflexões para um debate. *Terra e Cultura*, Londrina, n. 40, ano 21, p. 75-82, 2005.

FERRERA DE LIMA, J. *La diffusion spatiale du développement économique régional: l'analyse de la diffusion au sud du Brésil dans le XX^e siècle*. Thèse de Doctorat. DSH - Université du Québec, 2004. Disponível em: <<http://www.irec.net/publications/518.pdf>>

FERRERA DE LIMA, J.; PIACENTI, C. A.; ALVES, L. R.; PIFFER, M. A localização e as mudanças da distribuição setorial do PIB nos estados da região Sul (1970-1998). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL (SOBER), Cuiabá, Anais... Cuiabá: SOBER, 2004. 1 CD-ROM.

MAUCE, M. T. *Democracia, participação e descentralização: a experiência dos COREDES no RS*. Doutorado em Desenvolvimento Regional (Tese). Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, Rio Grande do Sul/RS, 2000.

NORTH, D. C. *Teoria da localização e o crescimento econômico regional*. In.: SCHWARTZMAN (Org.). *Economia Regional: textos escolhidos*, CEDEPLAR, Belo Horizonte, 1977.

PIACENTI, C. A.; FERRERA DE LIMA, J.; ALVES, L. R.; STAMM, C.; PIFFER, M. Análise regional dos municípios limieiros ao lago da Usina Hidroelétrica de Itaipu. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS REGIONAIS E URBANOS, 2, 2002, São Paulo, Anais... São Paulo: ABER, 2002. 1 CD-ROM.

PIFFER, M. Apontamentos sobre a base econômica da região Oeste do Paraná. In: CASSIMIRO FILHO, F.; SHIKIDA, P. F. A. (Orgs.). *Agronegócio e Desenvolvimento regional*. p. 57-84. EDUNIOESTE: Cascavel, 1999.

PIFFER, M. *A Dinâmica do Oeste Paranaense: sua inserção na economia nacional*. Curitiba, 1997. 200 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) - Universidade Federal do Paraná.

PUTNAM, R. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SIEDENBERG, D. R. Condicionantes político-administrativos do desenvolvimento regional no Rio Grande do Sul – a experiência dos COREDEs. In: WITTMANN, M. L.; RAMOS, M. P. (Orgs.). *Desenvolvimento regional: capital social, redes e planejamento*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.

Data do recebimento: 05/12/2005

Data do aceite: 10/03/2006

Anexo I - Empregos básicos e não básicos dos ramos de atividade do COREDE Vale do Rio Pardo - 1986/2002

Ramos de Atividade	Base de Exportação							
	Emprego Básico				ã do Emp. Básico			
	1986	1990	1996	2002	1986	1990	1996	2002
Comércio Atacadista	6.779,18	6.723,44	6.364,79	9.808,21	6.779,18	6.723,44	6.364,79	9.808,21
Comércio Varejista	1.548,11	1.421,74	945,11	1.529,98	1.548,11	1.421,74	945,11	1.529,98
Indústria Extrativa Mineral	156,22	129,16	43,11	90,53	156,22	129,16	43,11	90,53
Indústria de Produtos Minerais Não Metálicos	272,29	114,38	695,97	53,72	272,29	114,38	695,97	53,72
Indústria Metalúrgica	457,02	706,56	44,20	363,81	1.256,00	968,00	44,20	1.385,00
Indústria Mecânica	1.432,96	1.027,54	301,87	32,18	205,00	249,00	835,00	32,18
Indústria de Material Elétrico e de Comunicação	352,33	355,25	235,91	109,98	27,00	46,00	179,00	352,00
Indústria de Material de Transporte	322,94	438,72	503,86	793,35	233,00	168,00	115,00	103,00
Indústria da Madeira e do Mobiliado	175,67	51,91	363,61	422,77	1.102,00	51,91	847,00	1.177,00
Indústria do Papel, Papelão, Editorial e Gráfica	335,02	268,83	259,87	356,94	299,00	364,00	439,00	507,00
Indústria da Borracha, Fumo, Couros, Peles, Similares Diversos	4.419,12	6.538,25	5.861,91	4.478,35	4.419,12	6.538,25	5.861,91	4.478,35
Indústria Química, Farmacêutica, Veterin. Perfumaria, Sabão	588,95	690,98	169,78	481,73	349,00	293,00	953,00	922,00
Indústria Têxtil do Vestuário e Artefatos de Tecidos	1.136,02	1.105,19	558,19	246,70	1.136,02	1.105,19	558,19	246,70
Indústria de Calçados	1.438,90	612,54	1.540,02	1.713,02	2.617,00	3.269,00	2.291,00	2.735,00
Indústria de Produtos Alimentares, Bebidas, Alcool Etílico	347,46	609,60	354,38	175,56	1.997,00	1.785,00	354,38	3.057,00
Serviços Industriais e Utilidade Pública	284,26	287,52	325,72	222,24	351,00	401,00	453,00	420,00
Indústria da Construção Civil	608,06	673,74	87,12	249,73	530,00	702,00	2.004,00	2.106,00
Instituições de crédito, seguros e capitalização	331,85	510,17	521,36	421,81				
Comércio de administração de imóveis, serv., etc.	685,84	1.307,05	979,55	2.045,75				
Transporte e Comunicação	619,88	1.040,79	1.040,79	1.162,03	1.316,89			
Alojamento, alimentação, reparação, manutenção, rádio, TV	1.620,56	1.770,52	1.418,19	1.373,78				
Serviços médico, odontológico e veterinário	23,71	5,54	717,49	865,02				
Ensino	20,62	75,04	421,11	132,92				
Administração pública direta e autárquica	4.569,17	5.236,70	5.245,25	4.616,31				
Agricultura, silvicultura, criação animal, vegetal e pesca	95,73	466,97	614,90	578,09	441,00	436,00	1.815,00	1.806,00

Fonte: Resultados da Pesquisa